

Imprensa Nacional
Biblioteca Machado de Assis



B0020507

F
92
S237

R DE FREITAS SANTOS

A GLÓRIA
DE
SARAIVA

F
92
S237

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO

F 923.2
S243Ys

B0020507

CLIDENOR DE FREITAS SANTOS

A GLÓRIA
DE
SARAIVA

F 923.2
5243/12

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO

bolo destinado a vencer o tempo, o tempo que passa e jamais volta. A arte porém, com os seus mágicos recursos, possui capacidade única e especial para o conquistar. Ai estão suas esculturas com três e quatro mil anos e até mais, possuindo tanta expressão de atualidade emocional que anulam os milênios que nos distanciam de sua criação. Os gregos foram além criaram o mundo da beleza e da graça. A sua estatuária, estuante de vida, universalizando a beleza das formas e do movimento, conquistou os espíritos de sua época e os de todos os tempos. Para ela não existe o tempo; é, e será sempre atual.

Acontece que, ontem como hoje, para merecer uma estátua, são indispensáveis pelo menos um destes atributos: a beleza, a inteligência, a bravura ou o poder. Para o caso em particular e para a razão do momento em que estamos vivendo neste instante, o atributo básico e fundamental foi a bravura, pois, senhores, o Presidente Saraiva foi antes de tudo um bravo. Não foi somente a sua inteligência de jovem estadista, nem ao seu consagrado bom senso, nem, tão pouco às características do poder a que se achava investido, a causa desta homenagem. Á sua bravura é que o povo piauiense ergue este monumento em sua honra, em memória do seu feito de homem de ação e coragem.

Aqui estamos para cumprir um dever cívico. E o povo piauiense não seria digno de si mesmo se não consagrasse neste ato a prova material de sua gratidão para com o fundador de sua capital. Aplausos há para os dirigentes da incansável Comissão do Centenário; honra, e dignificante, há para a mocidade acadê-

mica de nossa terra que lutou estoicamente para conseguir fundos destinados à aquisição desta obra de arte, e louvores, também os há para este igualmente jovem trabalhador das aspirações públicas e que é o Prefeito de Teresina de hoje, o Dr. João Mendes Olímpio de Melo.

É do domínio público, porque está na história de nossa terra, que a velha capital da Província gerara uma atmosfera contrária à mudança da capital. Mais de meio século antes o assunto já era ventilado e discutido e, com o tempo, foi tomando vulto até que se formaram partidos a favor e contra. Estes representando a tradição e os interesses longamente estratificados, constituindo a maioria, inclusive da opinião pública. Os que se batiam pela mudança, e eram relativamente poucos, advogavam outros interesses idealizados com o futuro da Província. Não queriam outra cidade para capital e sim uma nova região situada à margem do caudaloso Parnaíba. Travara-se a luta e o choque seria inevitável. A imprensa veiculou as paixões e o clima de agressividade na velha Oeiras intensificou-se em marcha para a rebelião armada.

O doutor José Antônio Saraiva, baiano, jovem bacharel, foi nomeado Presidente da Província de Piauí aos 27 anos de idade e já trazia no âmago de sua personalidade as linhas estruturais básicas da linhagem dos estadistas do Império de que a Bahia foi tão fértil. De logo percebeu o mérito e o sentido daquela campanha mudista, como se dizia em Oeiras. Seu antecessor, Zacarias de Góis, considerara impossível uma mudança. O jovem Presidente estudou os detalhes

da questão, percorreu grande parte da Província, contornou as dificuldades na Assemblêia Provincial, e decidiu mudar a capital para as margens do Parnaíba. Promulgou a Lei de 20 de julho, estabeleceu todos os planos necessários, pois sempre foi um exímio calculador; instruiu os homens de sua confiança e, sob o maior sigilo, em principio de agôsto, deixou Oeiras rumo à Vila Velha do Poti.

Viajando a cavalo em pleno verão, o Presidente da Província, o representante de S. M. Imperial, atravessa o nosso velho sertão ressequido pela intensidade de um sol abrasador e viaja sessenta léguas em cinco dias findos os quais atinge a «Chapada do Corisco».

Estou a ver êsse homem jovem cavalgando o seu corcel, atravessando as caatingas e os carrascos, as planícies das chapadas arenosas onde vicejam os piquizeiros, os cajueiros floridos, transpondo os leitos secos dos riachos e das grotas, ora trotando ou galopando nas estradas reais ou, lentamente a passo, rompendo o pedregulho dos taboleiros ou subindo as ladeiras dos maus caminhos, inferno dos tropeiros; estou a vê-lo e senti-lo dominado pelo desejo de executar um plano, criar uma obra nova para o seu tempo. Com a decisão dos homens resolutos, porque só a resolução constrói, Saraiva tinha, em dúvida, para animá-lo num constante estímulo o seu natural espirito público que sempre foi o alimento supremo que nutre a formação de um estadista.

Mas, senhores, uma longa viagem a cavalo é um convite à meditação e ao devaneio. Rompendo invios caminhos, o viajante estadista não trazia consigo outro

pensamento que o fixado na criação de uma nova capital. O cenário que atravessa vai mudando continuamente e quando prende a atenção do cavaleiro ilustre é por um tempo fugaz. Está sempre voltado para a idéia básica do seu mundo interior daqueles instantes determinantes de tôdas as suas vivências. Fundar uma cidade, planejar sua formação física, situá-la numa base geográfica favorável ao seu desenvolvimento futuro, absorver habitantes e dar-lhes trabalho; governar o povo com justiça, cuidar de sua saúde, da sua instrução e da sua segurança, vê-la crescer ano após ano. Com um nome poético, *TERESINA*, derivado do nome augusto da Imperatriz reinante, a quem conheceu pessoalmente quando era estudante em S. Paulo e os soberanos visitaram a Academia de Direito daquela Província. A cidade ficará numa região entre dois grandes rios, um dia será grande, com ruas largas e retas, com avenidas e muitas praças arborizadas, muitas sombras para atender os rigores do clima e as matas da vizinhança serão conservadas e bem cuidadas. Conhecia a região pois a inspecionara antes e a escolhera de preferência. O árdego corcel, infatigável, conduz o homem que é pensamento e ação. O repouso é pouco em cada fazenda por que passa. Precisava chegar e realizar. Numa pausa reconheceu que a vegetação estava mudando. Era o sertão que desaparecia para surgir um comêço de mata verdejante. Esporeia o cavalo e em largo galopar penetra em cheio no vale do Parnaíba, à altura da passagem de S. Antônio, antiga estrada rumo a Caxias. Atinge o grande rio, e o seu tempe-

ramento de homem que sabe calcular, não resistiu uma onda irremovível de entusiasmo. Que cenário, que fartura, tudo verde nas suas margens; árvores frondosas e frutíferas, palmeiras imponentes balançando-se ao vento da manhã, e o velho rio, mansamente deslizando, refletindo a festiva luz do sol nascente!... Como era diferente do sertão adusto do mês de agosto, não somente o de Oeiras mas o outro sertão o de Jacobina, onde começara a sua carreira política, onde fôra promotor e juiz. Toca o cavalo e agora a estrada vai serpenteando o rio festejado rumo à «Chapada do Corisco». Um rio caudaloso como este, insistia, navegável e de margens férteis, limite com a Província do Maranhão, ligará a nova capital ao litoral através a já famosa cidade de Parnaíba. A nova capital ficará geograficamente acessível ao centro e ao sul da Província e, fluvialmente ligada ao mar. Com água abundante, pois o sertanejo primariamente pensa nesse elemento, a cidade terá fartíssimo abastecimento praticamente inesgotável. Contrastando com o tórrido sertão de terra martirizada pelo sofrimento das secas, o vale do Parnaíba é tão rico e tão belo que há de nutrir os homens e inspirar os poetas!... No mundo existem rios que criaram civilizações. Tudo vai depender de agora por diante de seus filhos. Dêles dependerá o destino da Província que, apesar de pobre, financeiramente, dispõe de grandes possibilidades econômicas. Sua pecuária é a maior do Império; pode produzir todos os cereais que se cultivam nos trópicos, arroz, feijão, milho, mandioca e todos os frutos alimentícios da região; há sementes oleaginosas da maior qualidade



*Vista aérea de Teresina por ocasião das comemorações de seu primeiro Centenário
(Ao fundo o Sanatório Meduna)*



Inauguração da estátua do Conselheiro Saraiva na ocasião em que falava o orador oficial, dr. Clidenor de Freitas Santos, tendo ao lado o Ministro da Educação, o Reitor da Universidade do Brasil, dr. Pedro Calmon, Governadores do Piauí, Ceará e Maranhão, Prefeito de Teresina, deputados e Senadores e muitas outras autoridades



Estátua em bronze do Conselheiro Saraiva, inaugurada à praça do mesmo nome em Teresina, no dia 15 de agosto de 1952, data da fundação da cidade

alimentícia; há imensos carnaúbaes de cujos troncos se fazem currais para o gado e caibros para as residências e de cujas palhas extrai-se a cêra para o fabrico de velas de iluminação; há regiões magnificas para plantio de árvores frutíferas; o cuidado dos campos na proteção das pastagens resultará um aumento da criação de gado, dos animais de carga, de carneiros, bodes e porcos; a lavoura da cana é uma outra real esperança, e tudo indica que a riqueza do sub-solo não tem limites. O suave Parnaíba tudo poderá transportar quando dispuser de uma navegação a vapor e pela qual me empenharei por todos os meios. Estaremos ligados ao Império por esta grande estrada móvel que levará a nossa produção e trará aquilo que o povo precisar de artigos manufacturados, pois, o comércio será rico e um dia virá a indústria e o progresso será completo. A nova capital no comando de tôdas essas possibilidades há de ter um futuro radioso, embora seja de justiça considerar que tal futuro depende menos do meio do que de seus filhos, dos seus dirigentes pois, a história nos mostra que em tôdas as civilizações o fator primordial de seu êxito está limitado à qualidade dos homens dirigentes. A inteligência do nordestino é uma sólida esperança, não é porém, o bastante para o sucesso pois êste não é possível sem o conhecimento, sem a cultura e sem a perseverança ao trabalho tonificando o espírito público. Sem êste, nenhuma colectividade fruirá os beneficios da vida social. É verdade que a escravatura existe em nosso País; é uma contingência econômica tal como ainda acontece na América do Norte, entretanto todos os homens são iguais pe-

rante Deus. E assim pensando o jovem Presidente viajava com o espírito em plena ebulição face às circunstância de momento. Atuando simultâneamente no passado e no futuro, sentia o que pudesse acontecer na cidade sertaneja, a velha Oeiras, e na jovem Teresina dos seus sonhos. Em sua atitude havia domínio e firmeza. Uma rebelião em Oeiras alteraria seu conforto, nunca os seus planos. Conhecia os homens por dentro. Deixara tudo preparado ao sair e a sua autoridade que era a característica dominante do seu caráter, infundia respeito e confiança. Não haveria nada. Nem assassinio nem rebelião. E as ordens serão cumpridas. Preferia projetar no tempo e no espaço imaginário o conjunto das idéias que se amontoavam em seu espírito. Teresina seria uma cidade e a capital desta Província.

E nesta disposição chegara ao local desejado e por êle escolhido. Sem perda de tempo baixa o ato oficial determinando a transferência das Tesourarias, e ao assinar, havia datado: 16 de agosto de 1852!...

Foi precisamente há um século no dia de hoje.

Costuma-se dizer que os homens são governados pela sua imaginação. O que é preciso é quem lhes desperte essa imaginação fora da rotina mental. Este papel cabe aos reformadores, aos que sabem mudar o rumo dos acontecimentos na vida humana. Tais homens não são dos que sabem mais do que os outros e sim os que podem desejar mais, ou melhor, homens cujos desejos são mais impessoais e de maior alcance na perspectiva do fenômeno social. A experimentada

imaginação do jovem José Antônio Saraiva, cuja infância, na orfandade e cuja juventude na solidão, foram as mais pungentes, pertencia «à forte família dos que se fazem por si mesmo». Fundando uma cidade com o fim especial de servir de capital política e administrativa para uma Província do Império, confiava no seu destino, tal como confiava em si próprio.

Teresina começou a viver a sua infância.

Menos de um ano depois Saraiva deixou o governo do Piauí. Foi governar Alagoas, depois a Província de Pernambuco e depois desta a Província de S. Paulo. Estava firmada e reconhecida a carreira política do antigo juiz de Jacobina. Foi deputado e Senador do Império. Foi ministro várias vezes e Presidente do Conselho em dois ministérios. Amigo do Imperador e seu Conselheiro. Desempenhou importantíssima missão diplomática no Prata. Sua projeção no mundo político do Império foi tão marcante e seus merecimento eram tamanhos que o grande Joaquim Nabuco, em carta que lhe dirigiu em 1883, datada de Londres, e na qual apela para que o Conselheiro tome a iniciativa parlamentar para uma reforma abolicionista, assim se expressa: «não preciso dizer-lhe a simpatia que a sua figura política sempre me inspirou e o respeito que sinto pelo seu caráter. Não há outro homem público em nosso País a quem escreva como a V. Excia».

Sua carreira política assemelha-se à construção de um grande edifício. Teve alicerces telúricamente estabelecidos nas variadas regiões do Império, construiu a estrutura e o teto batalhando a dura peleja nas

altas esferas da politica nacional. Foi a vitória do pensamento e da ação a serviço das grandes causas públicas.

E enquanto crescia esse autêntico varão de Plutarco, nossa Teresina também batalhava para crescer. Tornou-se logo o centro comercial da região, deslocando a vizinha cidade Caxias. Funda-se a Cia. de Navegação a vapor do Rio Parnaíba. Os navios singravam as águas do grande rio e tôdas as vilas e cidades ribeirinhas, de Parnaíba a Amarante, prosperaram com a intensificação do comércio. Urbanísticamente a capital adotou um traçado geomêtricamente ortogonal, e suas ruas e praças e construções para residências foram aumentando progressivamente. Todavia Teresina não cresceu como cidade na mesma proporção do crescimento politico de seu fundador. É que, para haver prosperidade material de uma cidade é indispensável uma série complexa de fatores economicos e espirituais. Para as regiões dos trópicos as possibilidades são ainda mais complexas por envolverem condições biológicas inteiramente diversas das regiões situadas em pontos férteis da terra. Apesar de seu tamanho atual, nossa Teresina continua na infância, paradoxalmente pequena no seu conteúdo. Muito daquilo que o moço Presidente desejara viesse a ter a nova capital, ainda não foi feito. Teresina ainda não possui esgotos, nem transportes coletivos; Teresina continua pobre, sem indústria e com uma população em crescimento intensivo; em Teresina morrem tantas crianças como na Índia ou na China; são fatos cruéis, porém verdadeiros. Teria falhado o sonho de Saraiva?

Positivamente não, meus senhores, porque um século na vida de uma cidade ou de um povo não é senão um momento cósmico. O nosso trabalho em plena região equatorial, é o esforço de gerações e as que passaram, pouco ou mais, sempre deixaram alguma cousa e com as lições do passado e a influência de seus exemplos, o sentido do bem público, do coletivo, tende a aumentar e a frutificar. Os homens responsáveis pelo nosso passado político, os herdeiros de Saraiva, na limitação de suas possibilidades sempre deixaram algo que ficou servindo a todos. Cada um colocou a sua pedra na construção laboriosa desta cidadela em luta perene contra a própria natureza cujo único prêmio de noivado foi o manso Parnaíba.

Aí está o passado. Aqui está o presente. O futuro vem chegando trazendo a nossa mocidade, os jovens do Piauí, dotados de uma brilhante inteligência, absorvendo cultura e da qual tem sede. É para ela que volvemos a nossa esperança na certeza de que cumprirá o seu dever.

Senhor Conselheiro: alguém já disse que a vida é feita de ressurreições e neste momento, em que revivéis para a posteridade de nossa terra, simbolizado no bronze que se destinam aos heróis, crêde Senhor, cuja longa vida tantos sofrimentos, tantas lutas e tantos triunfos alcançou, crêde que aqui estamos para cultivar a vossa memória, agradecer o vosso gesto de bravura cívica e honrar a vossa glória politica.

Departamento de Imprensa Nacional
Rio de Janeiro - Brasil - 1953